Dia 15 — São Bento, o Moço, Chamado Comumente São Bentinho, Confessor

São Bento, chamado São Bentinho por seus poucos anos e por sua pequena estatura, foi um pastorzinho das cercanias de Avinhão, a quem o Senhor quis prevenir quase desde o berço com as mais doces bênçãos de sua graça e comprouve-se em mostrá-lo ao mundo como um daqueles prodígios que deixa ver nele de quando em quando para ostentar seu poder, para exemplo de nossa tibieza, alento de nossa fé e confusão de nosso orgulho.

Nasceu no ano de 1165 numa aldeia que então se chamava Almilat e pode ser que seja a que agora se chama Alvilar, no Vivarais, diocese de Viviers, a três jornadas de Avinhão. Perdeu seu pai sendo muito menino; e, quando chegou à idade de nove ou dez anos, sua mãe, que o havia criado no santo temor de Deus, deu-lhe a guardar um pequeno rebanho de ovelhas, a que estava reduzida toda a sua fazenda. Criado nosso pastorzinho nesta inocência e simplicidade de costumes e de fortuna, não tinha ainda mais que doze anos quando lhe deu o Senhor a conhecer, de um modo muito extraordinário, que o havia escolhido para obrar grandes maravilhas.

No dia 13 de setembro do ano de 1177, dia assinalado por um eclipse de sol, achando-se no campo nosso zagalzinho guardando suas ovelhas, ouviu por três vezes uma voz do céu que lhe disse: «Bentinho, filho meu, ouve a voz de Jesus Cristo.» Admirado o menino de ouvir que lhe falavam e de não ver ninguém, respondeu: «Senhor, quem sois vós que me falais, porque eu vos ouço, mas não vos vejo?» «Não temas, filho — prosseguiu o Salvador —; ouve-me e faze o que te direi. Eu sou Jesus Cristo, teu Deus, que com uma só palavra criei todas as coisas do nada e posso fazer tudo o que quiser.» «Pois, Senhor, que quereis que faça?», perguntou-lhe Bentinho. «Quero que deixes as ovelhas e vás fabricar uma ponte sobre o Ródano.» «Não, Senhor, não pode ser — replicou o inocente menino —, porque eu não sei que coisa é o Ródano e não me atrevo a deixar sós as ovelhas de minha mãe.» «Obedece com submissão e sem réplica — disse-lhe o Salvador —, que eu proverei a tudo. Eu cuidarei das ovelhas e te enviarei logo quem te guie ao Ródano.» «Mas, Senhor — replicou o menino —, uma ponte não se faz com pouco dinheiro, e eu não tenho mais que três maravedis: que cabedal é este para uma obra tão grande?» «Põe toda a tua confiança em mim — respondeu o que lhe falava — e não te dê pena outra coisa.» Penetrado o menino de admiração e de uma vivíssima confiança, deixou ao ponto as ovelhas e logo se pôs a caminho. A poucos passos viu a seu lado um galhardo jovem em traje de caminhante, com seu pau na mão e com umas alforjes ao ombro, que lhe disse que vinha levá-lo às margens do Ródano, ao lugar mesmo onde Deus queria que fabricasse a ponte.

Ainda que havia três dias de caminho, assegura-se que chegaram em menos de três horas. Vendo-se Bentinho à margem do Ródano, em frente de Avinhão, considerando assim o largo como o rápido do rio, ficou espantado e disse ao que o guiava: «Aqui é impossível fazer ponte.» «Não temas, filho — respondeu-lhe o anjo —; faze o que Deus te manda, que este Senhor nunca manda coisas impossíveis, e logo o experimentarás. Passa a barca, apresenta-te ao bispo de Avinhão e dize-lhe a comissão que levas.» Dizendo isto, desapareceu o anjo e o menino sentiu-se animado de novo alento e de nova confiança.

Pediu ao barqueiro que o passasse por amor de Jesus e de Maria; mas o barqueiro era judeu e fez má cara ao pedido. Ofereceu-lhe os três maravedis que tinha, pelos quais o passou e o pôs à porta da cidade. Entrou nela Bentinho e foi-se direito à igreja, onde então estava o bispo pregando. Sem mais formalidade nem preâmbulo interrompeu-o o inocente menino e disse em voz alta que o enviava Deus para que levantasse uma ponte sobre o Ródano. Todo o auditório se pôs a rir, e o bispo, que se chamava Ponce, parecendo-lhe que aquele rapaz seria algum pobrezinho simples, mandou que o tirassem da igreja, dizendo-lhe ao mesmo tempo, como por burla, que, se queria levantar ponte, fosse estar com o preboste da cidade. Era o preboste homem sério e de mau gênio, muito a propósito para, se o menino estava louco, fazê-lo sensato com os açoites. Ouviu Bentinho as palavras do bispo e, entendendo-as como soavam, foi-se direito à casa do preboste e disse-lhe com grandíssima inocência: «Senhor, Deus me envia a fabricar uma ponte sobre o Ródano, e é mister que vossa mercê me ajude.» O preboste, olhando-o com cenho e com severidade, mas sem poder conter o riso, respondeu-lhe: «Sim, menino, parece-me muito bem»; e, assinalando com a mão uma grande pedra que havia no pátio, tão grossa e tão pesada que trinta homens juntos apenas a poderiam mover, acrescentou: «mas é mister que leves às costas essa pedra, porque é a primeira que havemos de pôr na obra.» Ao instante foi-se Bentinho aonde estava a enorme pedra e, fazendo o sinal da cruz, tomou-a e pôs-se-a sobre a cabeça com a mesma facilidade com que poderia um seixo.

Ficaram todos atônitos à vista daquele prodígio. Informado o bispo, acudiu ao ponto com todo o povo à casa do preboste; e Bentinho, carregado com aquele disforme peso, atravessou toda a cidade, acompanhado do bispo, nobreza e magistrado; e, chegando à margem do Ródano, assentou a pedra no lugar onde começa a ponte, havendo tantas testemunhas desta maravilha como moradores tinha então Avinhão.

Já se deixam discorrer os efeitos que causaria o prodígio: todos gritavam: milagre; e o preboste, arrojando-se aos pés do santo, beijou-os com humildade e entregou-lhe de contado trezentas peças de prata para dar princípio àquela grande obra. O bispo, o clero, a nobreza e o povo, todos a porfia lhe tributavam iguais mostras de veneração; e, querendo todos contribuir para obra tão milagrosa, em menos de duas horas juntaram-se cinco mil moedas, que naquele tempo era uma soma muito considerável.

Na verdade, não contribuíram pouco para a liberalidade dos moradores de Avinhão as maravilhas que se seguiram à primeira. Muitos enfermos ficaram de repente sãos só com beijar a mão ou tocar a roupa de nosso santo, contando-se até dezoito milagres naquele primeiro dia. E a prova mais concludente de que Deus o havia destinado para aquela grande obra foi a continuação de prodígios que sucederam enquanto durou sua construção; não sendo o menor de todos a

prudência, a sabedoria e a penetração de que Deus havia dotado o santo menino, numa idade em que apenas desponta a razão, pois dirigia toda a fábrica com tanto acerto que os mais hábeis mestres estavam assombrados.

Entretanto ia prosseguindo a obra; e o que os imperadores romanos e os reis da França não tiveram alento para empreender ou não puderam levar a cabo foi quase concluído no espaço de sete anos, mais que pela multidão dos oficiais, pela poderosa direção do milagroso arquiteto.

Crescendo e dilatando-se mais cada dia a fama de nosso santo, concorreram a ele muitas pessoas, assim para ter parte em seus trabalhos como para aproveitar-se de sua doutrina e de seus exemplos. Formou-se, pois, uma espécie de comunidade ou congregação religiosa, sob a conduta e governo de Bentinho, que, com o título de irmãos da ponte, tinham a seu cargo a superintendência da obra, velavam sobre seus reparos e prestavam ao público muito importantes serviços. Ao mesmo tempo fundou nosso santo um hospital para os peregrinos, de que cuidavam também os irmãos da ponte, no qual se viu renovado o fervor e a caridade dos primitivos cristãos.

Deu-se princípio à milagrosa ponte no ano de 1177 e, no espaço de sete anos, acabaram-se todos os pilares e aperfeiçoaram-se quase todos os arcos, a despeito da profundidade e da violência de um dos mais rápidos e mais caudalosos rios do mundo. Fez quanto pôde o inimigo das obras de Deus para estorvar, ou ao menos para destruir, esta, que tão visivelmente publicava sua bondade e seu poder. Em certo dia em que nosso santo se achava em oração a cinco ou seis léguas de Avinhão, revelou-lhe Deus o acidente que acabava de suceder pela malignidade do príncipe das trevas. «Irmãos — disse o santo a seus companheiros —, vamos logo reparar um arco da ponte que o diabo acaba de arruinar.» Viram depois os irmãos com seus mesmos olhos que o santo não os havia enganado e que só Deus pôde revelar-lhe o acidente que havia sucedido.

Entrava Bentinho nos dezenove anos de sua idade quando o Senhor lhe revelou também o dia de sua morte. Dispôs-se para ela com novo fervor e com maiores penitências; e, assaltado de uma enfermidade que parecia ligeira, tendo por certo que se ia aproximando sua derradeira hora, recebeu os sacramentos com extraordinária devoção. E, como o amor que havia professado sempre à santíssima Virgem, a quem chamava sua querida mãe, havia sido muito terno durante a vida, explicou-se mais ardente e mais fervoroso nas cercanias da morte. Aquela confiança sem limites nos dulcíssimos nomes de Jesus e de Maria, que não lhe caíam da boca, davam a conhecer a todos os circunstantes os ternos e acesos afetos de seu abrasado coração.

Logo que se estendeu pela cidade a notícia de sua enfermidade, sobressaltou-se toda ela; e sua morte encheu de luto todo o condado Venesino. Sucedeu esta no dia 14 de abril de 1184; e, havendo merecido em vida tão elevado conceito de sua grande santidade, facilmente se deixa discorrer quanta seria a pública veneração que se lhe deu depois de morto. Atropelavam-se todos com a ânsia de beijar o santo cadáver e pelo desejo de lograr alguma relíquia sua; sendo objeto do culto e veneração universal da nobreza e do clero tudo o que havia servido para seu uso. Houve uma piedosa competência entre o bispo, o preboste da cidade e os cabidos sobre quem havia de levar o santo corpo; mas foi mister render-se todos à vontade do santo, que, estando para morrer, declarou seu desejo de ser enterrado na capelinha que ele mesmo havia lavrado sobre o terceiro pilar da ponte, onde tinha de ordinário longas horas de oração. As exéquias mais pareciam triunfo

que pompa fúnebre. Meteram o santo corpo num sepulcro de pedra, coberto com uma grande lápide, sobre a qual estava aberta a cinzel uma cruz e ao lado dela o nome do santo.

Logo se fez célebre e glorioso seu sepulcro pelo grande número de milagres que o Senhor se dignou obrar nele. Achando-se em Avinhão o papa Inocêncio IV, no ano 1245, canonizou-o solenemente por uma bula dirigida a todos os fiéis, na qual declara que a construção da ponte de Avinhão foi uma série contínua de milagres desde o princípio até o fim e que o Senhor honrou o santo pastorzinho depois de sua morte com um prodigioso número de maravilhas.

Havendo-se arruinado uma grande parte da ponte no ano de 1669 pelo descuido de repará-la a tempo, viu-se obrigada a cidade de Avinhão a retirar dali o corpo do santo. Abriu-se o sepulcro em presença do vigário-geral do arcebispado em sé vacante, no dia 18 de março de 1670, diante de notários públicos e de multidão inumerável de povo. Ficaram todos devotamente admirados ao ver o santo corpo inteiro, fresco e flexível, sem o menor sinal de corrupção. Até as mesmas entranhas se conservavam ilesas e os olhos com uma cor tão natural e com tanta vivacidade como se estivessem vivos. As barras de ferro que atravessavam o sepulcro encontraram-se todas roídas da ferrugem; mas o vestido do santo e o linho em que o envolveram estavam tão inteiros e tão novos como no mesmo dia em que o enterraram. O corpo não tinha mais que quatro pés e meio de comprimento, e o semblante mostrava ser de um mocinho muito jovem. Colocou-se como em depósito esta preciosa relíquia, com muita solenidade, na capela do hospital de São Bentinho, de onde no ano de 1674 foi trasladada à igreja real dos padres celestinos e posta num magnífico sepulcro, sobre o qual se representa em relevo a imagem do santo em figura de um jovem pastorzinho, acompanhada de outras medalhas de meio relevo em que estão representadas as principais ações de sua vida.

Martirológio Romano

Em Roma, as santas Basilissa e Anastácia, mulheres nobres, discípulas dos Apóstolos, as quais, havendo perseverado firmes na confissão da fé, depois de haverem-lhes cortado a língua e os pés na perseguição de Nero, alcançaram a coroa do martírio perecendo pela espada.

No mesmo dia, os santos Maron, Eutiques e Vitorino, os quais foram desterrados pela fé à ilha Pôncia, em companhia da bem-aventurada Flávia Domitila: tendo-lhes levantado seu desterro no tempo do imperador Nerva, de volta a seu país obraram muitas conversões; mas logo, na perseguição de Trajano, foram martirizados com diferentes suplícios por sentença do juiz Valeriano.

Na Pérsia, os santos mártires Máximo e Olimpíades, aos quais, no tempo do imperador Décio, açoitaram com paus e chumbadas e em seguida feriram com estacas na cabeça até que expiraram.

Em Ferentino, na campanha de Roma, Santo Eutíquio, mártir.

Em Mira, na Lícia, São Crescente, que consumou seu martírio no fogo.

No mesmo dia, os santos Teodoro e Pansilipo, que padeceram a morte no tempo do imperador Adriano.

Missa (oração)

A missa é da dominica precedente, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Adesto, Domine, supplicationibus nostris, quas in beati Benedicti confessoris tui solemnitate deferimus; ut qui nostræ justitiæ fiduciam non habemus, ejus qui tibi placuit precibus adjuvemur. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Atendei, Senhor, às súplicas que vos fazemos na solenidade de vosso glorioso confessor, o bem-aventurado Bento, para que sejamos ajudados por sua intercessão, já que não temos confiança em nossos merecimentos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é da primeira de São Paulo aos Coríntios, capítulo 1.

1 Coríntios 1,26-31

> **Latim:** 26 Videte enim vocationem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles : 27 sed quæ stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes : et infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia : 28 et ignobilia mundi, et contemptibilia elegit Deus, et ea quæ non sunt, ut ea quæ sunt destrueret : 29 ut non glorietur omnis caro in conspectu ejus. 30 Ex ipso autem vos estis in Christo Jesu, qui factus est nobis sapientia a Deo, et justitia, et sanctificatio, et redemptio : 31 ut quemadmodum scriptum est : Qui gloriatur, in Domino glorietur.

Português: 26 Vede pois, irmãos, a vossa vocação, porque chamados não forão muitos sabios segundo a carne, não muitos poderosos, não muitos nobres: 27 mas as cousas que ha loucas do mundo escolheo Deos, para confundir aos sabios: e as cousas fracas do mundo escolheo Deos,

para confundir as fortes: [28] e as cousas vis, e despreziveis do mundo escolheo Deos, e aquellas que não são, para destruir as que são: [29] para que nenhum homem se glorie na presença d'elle. [30] E do mesmo vem serdes vós o que sois em Jesu Christo, o qual nos tem sido feito por Deos sabedoria, e justica, e santificação, e redempção: [31] para que, como está escrito: O que se glória, glorie-se no Senhor.

Nota

«Era Corinto uma das principais cidades da Grécia e metrópole, isto é, capital da província de Acaia. Passou a ela São Paulo perto do fim do ano 52 a pregar o Evangelho aos gentios e deteve-se na dita cidade dezoito meses, instruindo os fiéis recém-convertidos na religião cristã. Pelo mês de abril do ano de 54 partiu de Corinto a Jerusalém e desde aqui a Éfeso, onde esteve três anos. Desde esta última cidade escreveu sua primeira carta aos coríntios no ano 57 da encarnação de Cristo.»

Reflexões

É o orgulho um achaque tão comum e tão popular como todas as enfermidades corporais. A todos se pega e a todos acomete; e, ainda que é verdade que na corte e no trono reina com maior fausto e com mais pomposo aparato, não domina frequentemente com menor império no deserto e debaixo da cinza. Diz-se que o orgulho é uma espécie de inchaço, porque o que o padece imagina que ocupa mais lugar do que ocupa efetivamente. Não há enfermidade mais fácil de curar-se, e nenhuma há de que menos enfermos se curem. Um pouco de reflexão sobre a natureza do mal e sobre as coisas que o irritam, um pouco de entendimento, uma razão natural medianamente despejada bastam para descobrir a vaidade, o ridículo de nossas vãs ideias. Esta paixão parece que leva consigo mesma o contraveneno.

És vão, fero, altivo, soberbo; pois pergunta-te alguma vez a ti mesmo por que motivo o és. A mesma causa de nossa vaidade nos encherá de vergonha se temos um adarme de entendimento e uma pitada de religião. A maior parte dos homens, e mais ainda as mulheres, não acharão outro princípio da demasiada mercê que se fazem a si mesmos e do desprezo com que tratam os demais senão umas razões alheias ao caso, que deveriam servir mais bem para corar-nos e para envergonhar-nos.

A nobreza, certa distinção em que nos coloca um emprego, um magnífico trem, vestidos ricos, adornos ostentosos, um quarto preciosamente alfaiado, muitas rendas, um entendimento vivo e penetrante, um nome célebre, uma rara formosura: eis aqui o que de ordinário cria e fomenta esta orgulhosa paixão. Pois convençamo-nos da baixeza de sua origem e da vaidade de tudo aquilo que a conserva, e nos envergonharemos de haver sido tanto tempo indignos escravos seus.

Engrandecer-se um por haver tido um avô de grande mérito; olhar os demais com desdém e com desprezo porque lê seu apelido em pergaminhos velhos e roídos, porque as armas de sua casa se veem em edifícios antigos e arruinados: pode haver opinião mais infundada? Desenganemo-nos: o mérito é pessoal e as virtudes não são hereditárias. Mais glorioso é deixar à posteridade uma nobreza que não se recebeu que havê-la adquirido de seus antepassados. Não se nega que a nobreza adquirida tenha suas prerrogativas autorizadas pelo mesmo Deus nem que seja digna de respeito: o que se pretende é que nunca pode ser título de ostentação e de orgulho.

A elevação em que nos colocou uma dignidade, um emprego, que talvez se comprou com dinheiro, é motivo justo para olhar com desdém, com sobrecenho os que estão um pouco mais abaixo? Em todos os estados parece belamente a modéstia; mas nos de maior distinção faz-se muito mais respeitável. Ao contrário, o orgulho tanto é mais odioso quanto mais elevado se o olha. Que coisa mais fora de razão que estimar menos os outros porque és mais rico ou porque és mais galã? Que glória mais indigna nem mais baixa, que vaidade mais digna de compaixão, que ser orgulhoso, altivo e fero porque tens uma rica carruagem, uns formosos cavalos, um grande trem, uma magnífica libré e de bom gosto? E o ter mais joias ou mais bugigangas sobre ti e saber-te vestir melhor que as outras será motivo racional para que te encarames e te inches? Contudo, esta é a vaidade mais comum das mulheres. Desprezas os demais porque te apresentas na rua com maior fausto e com mais profanidade; mas o que há mister de tanto aparato para fazer-se estimar, não sei eu que seja muito estimável. Por outra parte, dando à habilidade do alfaiate os louvores que merece e ao valor do pano ou da tela o preço que lhe corresponde, que restará para o que a leva se não tem outro mérito que o do vestido? Mas dizes que és homem de entendimento; se isto é assim, não terás vaidade, porque o orgulho é paixão de tolos e raramente se encontra nos que não o são. Lembremo-nos de que dentro de nós mesmos levamos todos os materiais que são mister para humilhar-nos. Lembremo-nos de que Deus elege o mais fraco do mundo para confundir o mais forte; que escolhe o menos nobre, o mais desprezível e as coisas que não são, para destruir as que são, a fim de que ninguém possa gloriar-se de nada em sua divina presença: *Infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortia: et ignobilia mundi, et contemptibilia elegit Deus, et ea quæ non sunt, ut ea quæ sunt destrueret: ut non glorietur omnis caro in conspectu ejus.*

Evangelho

O evangelho é do capítulo 18 de São Mateus.

Mateus 18,2-4

> **Latim:** [2] Et advocans Jesus parvulum, statuit eum in medio eorum, [3] et dixit : Amen dico vobis, nisi conversi fueritis, et efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum cælorum. [4] Quicumque ergo humiliaverit se sicut parvulus iste, hic est major in regno cælorum.

Português: [2] E chamando Jesus a hum menino, o poz no meio d'elles, [3] e disse: Na verdade vos digo, que se vos não converterdes, e vos não fizerdes como meninos, não haveréis de entrar no reino dos ceos. [4] Todo aquelle pois, que se fizer pequeno como este menino, esse será o maior no reino dos ceos.

Meditação

Da desconfiança de si mesmo

Primeiro ponto

Considera que a desconfiança de si mesmo em matéria de piedade não é aquele desalento que nasce de um excessivo medo do acerto e que não poucas vezes degenera em pusilanimidade; é uma virtude que nos faz visível nosso nada, que nos obriga a não contar com nossas forças e nos induz a colocar toda a nossa confiança na bondade onipotente de nosso Deus. Poucas virtudes há que nos inspirem mais alento e poucas também que façam descer sobre nós maiores auxílios do céu. Aquele baixo e humilde conceito que se tem de si mesmo ganha o coração de Deus; e a confiança em sua bondade, sem a qual a desconfiança não seria virtude, mas covardia e pobreza de espírito, movem-no a derramar sobre nós suas graças com mão mais liberal e mais benéfica.

Nunca sou mais poderoso, dizia de si São Paulo, que quando conheço minha fraqueza e minha miséria. Aquele Senhor que criou todas as coisas do nada parece pressupor sempre o conhecimento de nosso nada como disposição necessária para todas as maravilhas que quer obrar por ministério nosso. Se escolheu Moisés para que livrasse seu povo da escravidão do Egito, não o despachou a este fim até que aquele grande obrador de milagres reconheceu sua incapacidade e seu nada: *Quis sum ego ut vadam?* [^1] Ah, Senhor! — exclama Jeremias quando o destina Deus para anunciar sua palavra aos reis e às nações —, ah, Senhor, que não sei falar, porque sou como um menino: *A, a, a, Domine Deus: ecce nescio loqui, quia puer ego sum* [^2]. O mesmo conceito formou de si Ezequiel e falou da mesma maneira. Que santo se achará na Igreja de Jesus Cristo que tenha pensado nem falado de outro modo? Este vivo conhecimento de sua fraqueza e de seu nada tão longe esteve de fazê-los inúteis e ociosos que antes os moveu a trabalhar com maior confiança e com muito maior fruto. Olhando-se ou considerando-se como meros instrumentos nas mãos do Senhor, a nada se negavam, tudo empreendiam, confiados na sabedoria, na destreza e no poder do soberano artífice que os punha em movimento. Considera a empresa a que se alentou São Bentinho; admira aquele esforço e aquele ânimo; mas reconhece nele a assistência do Todo-Poderoso, adorando-a no milagroso sucesso de sua empresa. Ó Deus meu, e quantas maravilhas obraríamos se tivéssemos bem conhecida nossa insuficiência! Confiamos demasiado em nossa habilidade, em nossas próprias forças; e, fazendo-nos demasiada mercê a nós mesmos, desdenhamos de ser instrumentos e queremos ser artífices e causas principais. E depois disto nos admiraremos de que Deus não deite a bênção a nossas empresas, de que façamos tão poucos progressos no caminho da perfeição, de que se malogrem ou se frustrem todos os nossos projetos?

Segundo ponto

Considera que a desconfiança de si mesmo, acompanhada da confiança em Deus, é virtude muito necessária para obrar em tudo com fruto e com acerto.

Compraz-se Deus em confundir nosso orgulho, lançando a rodar nossos planos e zombando, por assim dizer, de nossa prudência humana. Quantas vezes saem falsas as medidas que se tomam, ao parecer, com mais cordura e comedimento; quantas dão ao través a força e a indústria por mais acordes que caminhem; quantas não corresponde aos cuidados e às fadigas o resultado das empresas concertadas e seguidas com a maior prudência! Será porque os meios não se proporcionam com o fim? Não é isso; é porque contamos demais com nosso poder e com nossa manha. Acaso nos passou sequer pelo pensamento interessar Deus no que empreendíamos? Que parte teve nisso? Serviu-nos de motivo sua maior glória? Foi sua divina vontade regra da nossa? Fizemos alguma diligência para conseguir nem para merecer sua assistência? Ah! Não menos temerários e insensatos que os descendentes de Noé, pretendemos levantar nosso soberbo edifício até as nuvens sem consultar mais que nossas próprias forças e nossa ambição; e o Senhor riu-se de nossas loucas empresas, confundindo nossa falsa prudência com nossa mesma ambição. Dizes que nada te sai bem: mas dize-me, sobre que alicerces fundas? Sobre areia movediça, sobre terra pouco sólida; porque a nenhuma outra coisa se pode comparar melhor nossa orgulhosa insuficiência. Queremos ser os únicos artífices de nossa fortuna e tudo lançamos a perder. Põe Deus toda a força de Sansão nos cabelos; e, para derrotar os filisteus, não lhe dá mais armas que a queixada de um vil animal. Só com o som das trombetas e com levar nas mãos lâmpadas acesas lança por terra os muros da soberba Jericó. Ó Deus meu, e com que divina eloquência convencem estas figuras o pouco que devo esperar de minhas forças, de minha habilidade e de minha indústria!

Nenhuma coisa move tanto o Senhor a deitar sua bênção a tudo o que empreendemos como a retidão, a pureza de intenção e a atual persuasão de nossa insuficiência. Reconheçamo-nos pobres, fracos, inábeis; entremos muitas vezes dentro de nosso próprio nada; conheçamo-nos tais quais somos e não vacilaremos em recorrer àquele de quem dimana todo bom sucesso. Tudo quanto há dentro e fora de nós nos está pregando nossa pobreza e nossa geral inépcia: trevas no entendimento, ilusões no coração, desproporção nos meios; do tempo não podemos dispor, nem alcança nossa luz a prever os estorvos: tudo nos convence de nossa insuficiência, e contudo em tudo obramos como se fôssemos independentes. O orgulho nos cega, a concupiscência nos precipita e a paixão nos ataranta.

Deita o céu a bênção a tudo o que se empreende quando se empreende com desconfiança de si mesmo, quando se está na persuasão de que nossos alcances são muito limitados, nossas medidas muito curtas, nossa prudência muito menina, nossa indústria muito cingida e todos os nossos esforços sempre insuficientes e pouco seguros. Ponhamos, pois, em Deus toda a nossa confiança: este recurso suprirá sempre a insuficiência que prometem nossas próprias forças.

Ó meu Deus, e que pouco tenho conhecido até aqui em que consiste a verdadeira prudência e a força de um cristão! Sim, doce Salvador meu, confesso que tenho contado com minhas próprias

forças mais do que devia; mas com vossa graça aproveitar-me-ei bem deste conhecimento de minha falta; e, desconfiando de mim mesmo, de hoje em diante porei só em vós toda a minha confiança.

Jaculatórias

> *Maledictus homo, qui confidit in homine, et ponit carnem brachium suum.* Jr 17.

Maldito é o homem que põe sua confiança em outro homem e se apoia num braço de carne.

> *Benedictus vir, qui confidit in Domino, et erit Dominus fiducia ejus.* Jr 17.

Bendito é aquele que confia em Deus, sendo o Senhor toda a sua confiança.

Propósitos

1. O homem não é mais que miséria. Do fundo mesmo de nosso coração nascem o erro, a obscuridade e as trevas; nem a razão está livre, porque as paixões a cegam e a arrastam. Sansão perde juntamente com sua força a liberdade e os olhos. Tão pouco advertidos como ele, dizemos com demasiada confiança em nossas próprias forças: *Egrediar, et me excutiam* [^3]. Saberei lograr meus intentos por minha habilidade e por minha indústria; sairei com esta ideia, levarei a cabo tal projeto, concluirei felizmente tal negociação, e eu mesmo fabricarei minha fortuna. Com esta vã confiança aplicam-se os meios, fazem-se os maiores esforços, põem-se em movimento todas as máquinas, todos os artifícios; e, ao cabo, que é o que se consegue? Ver-se lastimosamente sepultado entre suas ruínas. Assim se compraz Deus, por assim dizer, em confundir nossa ambição. Aproveita estas reflexões e de agora em diante não atribuas o mau êxito de teus negócios e pretensões nem à multidão de concorrentes, nem à malícia dos invejosos, nem à emulação, interesse ou má-fé dos que desbaratam tuas medidas: a verdadeira origem de tua desgraça é essa prudência puramente humana, essa frívola confiança, esse braço de carne em que te fias. Governa-te no sucessivo por melhores princípios e edifica sobre mais sólidos alicerces. Nunca empreendas coisa alguma senão confiado na assistência do céu. Faze pouco ou nenhum caso de tua indústria, de teu poder e de teu crédito, tendo presente aquele oráculo: *Nisi Dominus ædificaverit domum, in vanum laboraverunt qui ædificant eam* [^4]. Se o Senhor não toma por sua conta este negócio, esta empresa; se ele mesmo não levanta minha casa, inúteis são todos os esforços de quantos se empenham em levantá-la. Em vão velamos nós se o Senhor não vela. Devemos, dizia nosso padre Santo Inácio, ter em Deus uma confiança tão completa como se ele só,

sem concurso nosso, houvesse de fazer todas as nossas obras; e devemos nós aplicar-nos a elas com tanto cuidado como se nós sós as houvéssemos de fazer sem concurso seu.

2. Não basta desconfiar de nossas forças e de nossa indústria; é necessário proceder como homens que tudo esperam de Deus. Primeiro: nunca empreendas coisa alguma senão por motivos verdadeiramente cristãos. A glória de Deus e nossa salvação devem ser o principal objeto de todas as nossas empresas. Se Deus não tem parte no fim, tampouco a terá nos meios. Segundo: antes de dar princípio a esse pleito, antes de entrar nesse negócio, de empenhar-te nessa pretensão, vai a uma igreja, prostra-te aos pés de Cristo crucificado e, cheio de fé e de confiança em sua bondade, oferece-lhe e encomenda-lhe o que pensas empreender, pedindo-lhe que te assista para sair bem com o que intentas, se há de ser para maior glória sua e proveito de tua alma. Volta-te à santíssima Virgem e implora também sua proteção.

[^1]: Ex 3. O OCR traz «Exod. 2»; a pergunta «Quis sum ego ut vadam?» está em Êxodo 3,11. [^2]: Jr 1. [^3]: Jz 16. O OCR traz «Jucc. 10»; a frase «Egrediar, et me excutiam» é de Juízes 16,20. [^4]: Sl 126. O OCR traz «196».

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:08 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:08 by Admin